

“DEVES OLHAR PARA CIMA, POIS UM CAMINHO APARECERÁ DIANTE DE TI”: A PROPÓSITO DA ESCRITA, DA MEMÓRIA E DO SÍMBOLO NO ROMANCE VOYAGE TO ALPHA CENTAURI DE MICHAEL DAVID O’BRIEN

Victor Hugo Pereira de Oliveira

Mestre e doutorando em Estudos Literários Comparados pela *Universidade de Brasília*. Bacharel e Licenciado em Letras - Inglês também pela UnB. Professor de Língua Inglesa e respectiva literatura, na Secretaria da Educação do Distrito Federal. Revisor de textos e tradutor.
E-mail: victorhpoliveira@gmail.com

Resumo: O artigo apresenta os resultados preliminares de uma pesquisa desenvolvida com o intuito de apresentar uma investigação da maneira como o escritor canadense Michael David O'Brien fez amplo uso, no romance "Voyage to Alpha Centauri" (2013), de dispositivos literários para veicular ideias teológicas. Para a análise do papel da escrita do diário – confeccionado pelo personagem Neil Ruiz de Hoyos – foram utilizadas as reflexões apresentadas por Blanchot (2005) a propósito dos principais elementos que fazem parte de um diário. Sendo a memória um dos componentes fundamentais da escrita de um diário, serão empregadas as observações de Assman (2011) concernentes às relações entre a escrita e a memória. Quanto à definição e utilização do símbolo na escrita literária, será aplicada a reflexão desenvolvida por Frye (1973). As relações entre as Sagradas Escrituras e suas figuras presentes na literatura serão lidas a partir de Frye (2004). Os símbolos e suas implicações teológicas e místicas serão, por fim, analisados conforme os estudos de Chevalier & Gheerbrant (1993), Léon-Dufour

(1970) e Morgain (2003). Viu-se, portanto, que a escrita de O'Brien neste romance faz amplo uso de símbolos teológicos e místicos para representar ideias que perseguem Neil Ruiz de Hoyos.

Palavras-chave: Literatura Canadense. Escrita e Memória. Teologia e Literatura. Símbolo. Catolicismo.

Abstract: This article presents the preliminary results of a research developed in order to present an investigation of the way in which the Canadian writer Michael David O'Brien made wide use, in the novel "Voyage to Alpha Centauri" (2013), of literary devices to convey theological ideas. For the analysis of the role of the diary's writing - made by the character Neil Ruiz de Hoyos - the reflections presented by Blanchot (2005) about the main elements that are part of a diary were used. As memory is one of the fundamental components of writing a diary, Assman's (2011) observations regarding the relationship between writing and memory will be used. As for the definition and use of the symbol in literary writing, the

reflection developed by Frye (1973) will be applied. The relations between the Sacred Scriptures and their figures present in literary writing will be read from Frye (2004). Finally, the symbols and their theological and mystical implications will be analyzed according to the studies made by Chevalier & Gheerbrant (1993), Léon-Dufour (1970) and Morgain (2003). It was seen, therefore, that O'Brien's writing in this novel makes extensive use of theological and mystical symbols to represent ideas that pursue Neil Ruiz de Hoyos.

Keywords: Canadian Literature. Memory and Writing. Theology and Literature. Symbol. Catholicism.

Resumen: El artículo presenta los resultados preliminares de una investigación desarrollada con el fin de presentar una investigación sobre la forma en que el escritor canadiense Michael David O'Brien hizo un amplio uso, en la novela "Voyage to Alpha Centauri" (2013), de los recursos literarios para transmitir ideas teológicas. Para el análisis del papel de la redacción del diario, realizado por el personaje Neil Ruiz de Hoyos, se utilizaron las reflexiones que presenta Blanchot (2005) sobre los principales elementos que forman parte de un diario. Dado que la memoria es uno de los componentes fundamentales de la escritura de un diario, se utilizarán las observaciones de Assman (2011) sobre la relación entre la escritura y la memoria. En cuanto a la definición y uso del símbolo en la escritura literaria, se aplicará la reflexión desarrollada por Frye (1973). Las relaciones entre las Sagradas Escrituras y sus figuras presentes en la literatura se leerán de Frye (2004). Finalmente, los símbolos y sus implicaciones teológicas y místicas serán analizados según los estudios de Chevalier & Gheerbrant (1993), Léon-Dufour (1970) y Morgain (2003). Por lo tanto, se vio que la escritura de O'Brien en esta novela hace un uso extensivo de símbolos teológicos y místicos para representar ideas que persiguen a Neil Ruiz de Hoyos.

Palabras clave: Literatura canadiense. Escritura y memoria. Teología y Literatura. Símbolo. Catolicismo.

Sommario: L'articolo presenta i risultati preliminari di una ricerca sviluppata per presentare un'indagine sul modo in cui lo scrittore canadese Michael David O'Brien ha fatto ampio uso, nel romanzo "Voyage to Alpha Centauri" (2013), di dispositivi letterari per trasmettere idee teologiche. Per l'analisi del ruolo della scrittura del diario, realizzata dal personaggio Neil Ruiz de Hoyos, sono state utilizzate le riflessioni presentate da Blanchot (2005) sui principali elementi che fanno parte di un diario. Poiché la memoria è una delle componenti fondamentali della scrittura di un diario, verranno utilizzate le osservazioni di Assman (2011) sulla relazione tra scrittura e memoria. Per quanto riguarda la definizione e l'uso del simbolo nella scrittura letteraria, verrà applicata la riflessione sviluppata da Frye (1973). I rapporti tra le Sacre Scritture e le loro figure presenti in letteratura saranno letti da Frye (2004). Infine, i simboli e le loro implicazioni teologiche e mistiche verranno analizzati secondo gli studi di Chevalier & Gheerbrant (1993), Léon-Dufour (1970) e Morgain (2003). Si è visto, quindi, che la scrittura di O'Brien in questo romanzo fa ampio uso di simboli teologici e mistici per rappresentare idee che perseguono Neil Ruiz de Hoyos.

Parole chiave: Letteratura canadese. Scrittura e memoria. Teologia e letteratura. Simbolo. Cattolicesimo.

Résumé: L'article présente les résultats préliminaires d'une recherche développée afin de présenter une enquête sur la manière dont l'écrivain canadien Michael David O'Brien a largement utilisé, dans le roman « Voyage to Alpha Centauri » (2013), des dispositifs littéraires pour véhiculer des idées théologiques. Pour l'analyse du rôle de l'écriture du journal - réalisé par le personnage Neil Ruiz de Hoyos - les réflexions présentées par Blanchot (2005) sur les principaux éléments qui font partie d'un journal, ont été utilisées. La mémoire étant l'une des composantes fondamentales de la rédaction d'un journal, les observations d'Assman (2011) concernant la relation entre l'écriture

et la mémoire seront utilisées. Quant à la définition et à l'utilisation du symbole dans l'écriture littéraire, la réflexion développée par Frye (1973) sera appliquée. Les relations entre les Saintes Écritures et leurs figures présentes dans la littérature seront lues à partir de Frye (2004). Enfin, les symboles et leurs implications théologiques et mystiques seront analysées d'après les études de Chevalier &

Gheerbrant (1993), Léon-Dufour (1970) et Morgain (2003). On a vu, par conséquent, que l'écriture d'O'Brien dans ce roman utilise largement des symboles théologiques et mystiques pour représenter des idées qui poursuivent Neil Ruiz de Hoyos.

Mots-clés: Littérature canadienne. Écriture et mémoire. Théologie et littérature. Symbole. Catholicisme.

INTRODUÇÃO

Pretende-se, com este artigo, desenvolver uma análise acerca do romance *Voyage to Alpha Centauri* do escritor canadense Michael David O'Brien. O autor dedica-se à escrita literária e à arte iconográfica e, até o momento da produção deste artigo, foi pouco traduzido no Brasil. Além do romance a que este estudo se dedica, há uma tradução do romance *Apocalypse: A História de Padre Elias*, que é o livro mais famoso de Michael D. O'Brien.

Voyage to Alpha Centauri é um romance que contém o diário escrito por Neil Ruiz de Hoyos, físico extremamente respeitado cujas descobertas possibilitaram a construção de uma nave espacial que pode viajar pelo espaço sideral atingindo a metade da velocidade da luz, além de ter um simulador de campo gravitacional e outras características típicas da especulação própria à ficção científica. Desta forma, a viagem interestelar é contada desde o seu ponto de vista, uma vez que o seu diário de bordo contém diversas impressões a respeito de vários aspectos do cotidiano da tripulação.

Em um determinado ponto da viagem, quando a nave atinge o alvo – um exoplaneta que circunda Alfa Centauri, sistema estelar mais próximo do Sol – Neil tem um sonho que desencadeia diversas memórias de sua adolescência. Tais sonhos e memórias acabam por ser ruminadas e aprofundadas por meio da escrita deste diário. Como resultado desta viagem interior, Neil depara-se com um símbolo bastante preciso que condensa o seu passado, o seu presente e lhe abre uma possibilidade diferente do racionalismo que abraçara no começo da sua juventude. Desta forma, pretende-se examinar as relações entre diário, escrita, memória e símbolo no romance *Viagem a Alfa Centauri*.

1 ESCRITA, MEMÓRIA E SÍMBOLOS

De acordo com Blanchot, em sua obra intitulada *O Livro Por Vir*, a escrita de um diário, a despeito de toda a sua liberdade formal, está intimamente ligada ao pacto temporal estabelecido pelo calendário. Este acordo é feito por meio da mera identificação do dia em que “pensamentos, sonhos, ficções, comentários de si mesmo, acontecimentos importantes, insignificantes” (BLANCHOT, 2005, p. 270) são registrados pelo sujeito que escreve. É o que pode ser percebido no romance *Viagem a Alfa Centauri*, do autor canadense Michael D. O’Brien.

Na entrada referente ao ducentésimo vigésimo quarto dia da viagem interestelar, o físico Neil registrou que acordara gritando enquanto via que as cenas de um sonho contendo memórias de sua adolescência desvaneciam. Neste sonho, Neil vira uma luminosa escadaria espiralada que marcara-lhe profundamente o espírito quando ainda era um jovem. Não obstante, tal juventude já apontava para uma crescente apostasia da fé católica que herdara de seus pais. Tentando aguçar a sua consciência, Neil começou a piscar rapidamente até que a figura da escada desaparecera, apesar de ter permanecido em seus pensamentos. Repentinamente, Neil recordara-se de que não estava no planeta Terra: “then I remembered I was on a great ship in the heavens – floating above a heaven in in the heavens. I was a scientist, a man of reason, devoted to objective reality” (O’BRIEN, 2013, p. 334). Neste trecho, Neil faz questão de registrar em seu diário de bordo que ele é um cientista, um homem que cultua a razão e possui um grande apreço para com a realidade objetiva. Apesar disso, tal sonho deixara-lhe extremamente transtornado, uma vez que este possuía semelhanças com um importante aviso: “you must look at this, niño, it said. *It has been buried in the dark for too long*” (O’BRIEN, 2013, p. 334, ênfases do original)¹.

Este sonho, que terminou por ocasionar-lhe uma grande viagem em suas memórias, fora motivado pelo conhecimento do material horripilante

¹ “Deves olhar para isto, criança, dizia. Tem estado enterrado no escuro por bastante tempo” (tradução livre feita pelo autor do artigo).

que os arqueólogos liderados por Dariush, arqueólogo e linguista sênior da tripulação, descobriram nas ruínas recém encontradas do local que fora por eles nomeado como *Templo da Nave*, uma vez que haviam compreendido que tal área era uma nave espacial, da qual emanava radioatividade, que fora construída com o objetivo adicional de ser um templo religioso. Tal material consistia, primariamente, em restos de esqueletos que pensaram pertencer, em princípio, a alienígenas humanoides de baixa estatura. Subitamente, a equipe de arqueólogos vira algo que os silenciou por completo:

It was a sculpture carved from a massive block of gray stone. More than ten meters high, it was a three-dimensional embodiment of the celestial being or "god" inscribed on the cliff face above the gateway. All the details were there. It had uplifted winds. Its head was horned and had three eyes. Its legs stretched three times longer than the torso, ending in the elongated feet, with the difference that the base of the sculpture was a stone sphere that it gripped in its toe-claws. The arms were extended horizontally, and the claws of one hand held an arrow. The other hand was open with palm upward, though it lacked a carved depiction of flames. Dariush concluded that real fire once burned there (O'BRIEN, 2013, p. 319)².

Este ídolo já havia sido visto anteriormente quando Dariush e a sua equipe tinham descoberto a existência de uma escrita hieroglífica em locais que precedem o *Templo da Nave*. A escrita, conforme o arqueólogo sênior, consistia em uma espécie de silabário portando diversas semelhanças a sistemas de escrita da antiguidade terrestre.

² Era uma escultura feita de um bloco maciço de pedra cinzenta. Com mais de dez metros de altura, era uma personificação tridimensional daquele ser celestial ou "deus" que estava inscrito na face do penhasco acima do portal. Todos os detalhes estavam lá. Ele tinha asas elevadas. Sua cabeça tinha chifres e três olhos. Suas pernas se alongavam três vezes mais que o tronco terminando nos pés alongados, com a diferença de que a base da escultura era uma esfera de pedra que ela agarrava com as garras dos pés. Os braços estavam estendidos horizontalmente e as garras de uma das mãos seguravam uma flecha. A outra mão estava aberta com a palma pra cima, embora faltasse uma representação esculpida das chamas. Dariush concluiu que o fogo real uma vez ardeu lá (tradução livre feita pelo autor do artigo).

Posteriormente à descrição da escultura deste ídolo aparentemente alienígena, Dariush dissera a Neil que estava sentindo um mal-estar tremendo. Tal suplício consistia na seguinte suspeita: "If this idol, and the altar above it, were used for what I suspect, then we have found a memorial of the unthinkable. [...] I feel very alone – alone in an ocean of evil" (O'BRIEN, 2013, p. 320).

Esta suspeita fora confirmada quando o resultado do exame dos restos de esqueletos, que fora empreendido pela equipe forense, havia sido disponibilizado. Descobriria-se, portanto, que os alienígenas não possuíam uma baixa estatura. Tratava-se de restos de esqueletos de alienígenas crianças e adolescentes. Através de sua expertise, Dariush concluía que tal templo era dedicado ao sacrifício humano para aquele ídolo horripilante. Esta informação deixara Neil completamente apavorado: "my throat closed and the hair stood up on the back of my neck. I said nothing, just stared at him unable to speak" (O'BRIEN, 2013, p. 334)³.

Pode-se concluir, portanto, que o encontro com o horror que ocorrera no planeta *Nova* desencadeara em Neil o sonho com a escadaria espiralada e iluminada que, por sua vez, servira como um gatilho para memórias dolorosas:

Slowly, my heart ceased banging in my ears, and the rapid inflations of my chest returned to normal. I did not think of the monstrous idol in the temple of the ship. I did not think of the uncountable victims hidden away in that dark cellar of evil. Instead, I looked at the thing I did not want to remember: the journey I had made with my father when I was nineteen, the day he took me to Santa Fe to register me for my first year of college (O'BRIEN, 2013, p. 335)⁴.

³ "Minha garganta fechou-se e os cabelos da minha nuca arripiaram-se. Eu não disse nada, apenas olhei para ele incapaz de falar" (tradução livre feita pelo autor do artigo).

⁴ Meu coração, lentamente, parou de bater ressoando em meus ouvidos e as rápidas inflações do meu peito voltaram ao normal. Não pensara no monstruoso ídolo no Templo da Nave. Não pensara nas inúmeras vítimas escondidas naquele maléfico porão escuro. Em vez disso, olhei para o que não queria lembrar: a jornada que fizera com meu pai quando tinha dezenove anos no dia em que ele me levou para Santa Fe para me inscrever no meu primeiro ano da faculdade (tradução livre feita pelo autor do artigo).

Para Assman (2011), o ato de escavar, e toda a imagética a ele conectada, fez com que a memória e suas metáforas espaciais começassem a se revestir paulatinamente de qualidades temporais. O robustecimento dos elementos ligados ao tempo fez com que o ato de esquecer, o caráter descontínuo das coisas, a fatalidade da deterioração e uma subsequente reconstrução ficassem em evidência. A ênfase obstina-se nas memórias por meio do binômio que as definem: a indisponibilidade e a imediatidade. Este binômio poderia funcionar inclusive como um caminho pouco usual para o inédito.

O sonho de Neil possibilitou-lhe o desenterro de memórias que estavam profundamente soterradas sob inúmeras camadas de materiais relativos à sua vida enquanto um físico de renome cujas descobertas influenciaram a construção da nave espacial extremamente sofisticada que estava flutuando no espaço em direção a Alpha Centauri.

Assman, ao explicar o aspecto da *latência*, inerente à memória, faz uma distinção entre duas maneiras em que o esquecimento opera. Existiria o esquecimento que desmancha e aniquila e o esquecimento que funciona por meio da conservação. A latência seria equiparada, portanto, ao esquecimento que mantém.

As lembranças de Neil apontam para diversos diálogos que tivera com seu pai quando estavam dirigindo na estrada que liga La Cruces a Santa Fe, suas impressões diante da visível pobreza de sua família e uma raiva não-manifesta que Neil tinha para com o seu pai. Um problema que acontecera com o carro serviu para revelar profundas feridas na família de Neil. Quando seu pai começara a chorar, Neil ficara perplexo, uma vez que nunca havia visto seu pai em tal situação. Apesar disso, o adolescente não demonstrara, em princípio, empatia: "'why are we so poor?' I shouted. But the question needed no answer. We both knew that our family was on the bottom of things because he could not make enough money to raise us up" (O'BRIEN, 2013, p. 337)⁵.

⁵ "Por que somos tão pobres?" gritei. Mas a pergunta não precisava de resposta. Nós dois sabíamos que nossa família estava no fundo do poço porque ele não conseguia ganhar dinheiro suficiente para nos criar (tradução livre feita pelo autor do artigo).

No entanto, o ponto chave deste diálogo, que servirá para conectar estas memórias à visão aterrorizante do ídolo no Templo da Nave, acontece logo em seguida ao questionamento do jovem Neil quanto à pobreza de sua família: “‘why are you and Mamá always so sad?’ I threw at him. ‘why do you cry? Why does she cry all the time?’” (O'BRIEN, 2013, p. 338)⁶.

Subitamente, o carro voltara a funcionar e, desta forma, retornaram ao percurso. O pai de Neil lhe contara, então, que a sua mãe chora pontualmente no final do mês de julho por conta de um sofrimento extremo que existe em seu coração. Por conta de uma política de famílias unicelulares, era ilegal ter mais de um filho. Quando Neil tinha um ano de idade, seus pais conceberam gêmeos e conseguiram esconder com relativo sucesso a gravidez por diversos meses da polícia e dos assistentes sociais. No entanto, a polícia descobriu que havia uma mulher no oitavo mês de gravidez em um dos trailers e a levaram para um hospital com o objetivo de matar os bebês e esterilizar a mulher. Neil escutava tal relato com um crescente horror:

As he drove onward, I observed my father's face. Never had I seen him look like this. Never. Until the day I die, I do not want to see another look like that on anyone's face. I saw a grief so deep it was fathomless, beyond my comprehension, then and now. There was an old anger in it too, an utterly helpless kind of anger. All these years later, I wonder if there was also despair. I don't doubt that he had feelings of despair. Yet I think there was no absolute and final despair, because of what happened that night (O'BRIEN, 2013, p. 342)⁷.

⁶ “Por que você e a Mamá estão sempre tão tristes?” perguntei-lhe. “Por que vocês choram? Por que ela chora o tempo todo?” (tradução livre feita pelo autor do artigo).

⁷ Enquanto meu pai dirigia, observei seu rosto. Nunca o tinha visto assim. Nunca. Até o dia em que eu morrer, não quero ver outra expressão dessas no rosto de ninguém. Eu vi uma dor tão profunda que era e é insondável para além da minha compreensão. Também havia uma raiva antiga, um tipo de raiva totalmente impotente. Todos esses anos depois, me pergunto se também havia desespero. Não tenho dúvidas de que ele sentiu desespero. No entanto, acho que não houve desespero absoluto e final, por causa do que aconteceu naquela noite (tradução livre feita pelo autor do artigo).

Conforme Assman, a análise da essência da memória, por meio da cooperação das representações, fora revelada de forma sintética por Santo Agostinho em seu livro intitulado *Confissões*. A comparação do funcionamento das memórias ao mecanismo de um estômago, feita pelo teórico, reside no fato de ambos funcionarem, analogicamente, como se fossem um lugar de passagem, onde o ato de permanecer não teria razão de ser. A palavra *ruminar*, derivada do latim *ruminare*, era aplicada tanto a um alimento quanto a uma ideia sendo que, para esta, a analogia funcionava quando se aplicava sobre ela o sentido de se fazer uma *meditação*. À semelhança do alimento que volta do estômago da vaca para por ela ser novamente mastigado, a ação filosófica ilustrada pelo vocábulo *ruminação* implicava em uma reflexão cíclica sobre algo guardado da memória. O ato da digestão, conectada a uma tendência ao esquecimento, seria, uma figura da consciência aliviada, além de representar o vazamento de uma lembrança pesada que aumenta em graus assustadores.

O trecho da memória de Neil acima mencionado mostra como tal ruminação revelou uma lembrança cujo peso – representado, principalmente, pelo rosto paterno contorcido pela dor – estava aumentando exponencialmente.

Vê-se, na entrada referente ao ducentésimo vigésimo quinto dia da viagem interestelar, que começara Neil a reconhecer o peso de tais memórias. O físico registrara seus questionamentos quanto ao esquecimento desta parte da história de sua família:

why have you tried to bury this? Why have you turned away from it throughout all these many years? Was the pain too great for you? Is a man a man if he does not face the worst with courage?

But where would courage have taken me? What would I have done? What could I have done? Learning the truth of my family's history left me in a state of rage

*and dread, and for neither of these was there any outlet (O'BRIEN, 2013, p. 342)*⁸.

Sabe-se que a escrita funciona como meio de tornar eternos os legados culturais de um povo: “um papiro do século XIII de nossa era compara a força preservadora de túmulos e livros e chega, com isso, ao resultado de que a escrita é uma das armas mais eficientes contra a segunda morte social, o esquecimento” (ASSMAN, 2011, p. 195). Desta forma, vê-se como a escrita se encontra praticamente imune ao caráter destruidor do tempo. Além disso, “a escrita é, ao mesmo tempo, medium e metáfora da memória” (idem, p. 199).

A narração das memórias continua depois deste diálogo interior, monólogo permeado de diversas dúvidas quanto ao que ele poderia ter feito naquela época com relação à indizível violência pela qual sua mãe e seus irmãos gêmeos tinham passado. Seguindo com o seu pai em direção a Santa Fe, Neil manifestar-lhe a vontade de fazer justiça com as próprias mãos, que consistiria em matar quem matara seus irmãos e esterilizara a sua mãe. No entanto, seu pai o alertou com relação àquilo que poderia acontecer-lhe internamente: “If you hate them, if you kill them in your heart, they will not die. They will rise up again and again within you, and they will kill your heart” (O'BRIEN, 2013, p. 343)⁹.

Tendo dito isto, seu pai lhe havia dito que existiria um outro caminho para resolver tal situação. Em Santa Fe, dirigiram até um intrincado labirinto de ruínas onde havia uma catedral que fora demolida para dar lugar à construção de uma rede de hotelaria. Indo em direção a um barraco de madeira, eles se encontraram com o vigia que era, na verdade um padre disfarçado que protegia um certo artefato miraculoso do qual Neil precisaria, segundo seu pai informara ao padre:

⁸ Por que você tentou enterrar isso? Por que você se afastou disso ao longo de todos esses anos? A dor foi muito grande para você? O homem é homem se não enfrenta o pior com coragem? Mas para onde a coragem me teria levado? O que eu teria feito? O que eu poderia ter feito? Aprender a verdade sobre a história da minha família me deixou em um estado de raiva e pavor, e para nenhum deles havia qualquer saída (tradução livre feita pelo autor do artigo).

⁹ “Se tu os odeias, se tu os matas em teu coração, eles não morrerão. Eles erguer-se-ão novamente dentro de ti e matarão o teu coração” (tradução livre feita pelo autor do artigo).

"DEVES OLHAR PARA CIMA, POIS UM CAMINHO APARECERÁ DIANTE DE TI":
A PROPÓSITO DA ESCRITA, DA MEMÓRIA E DO SÍMBOLO NO ROMANCE
VOYAGE TO ALPHA CENTAURI DE MICHAEL DAVID O'BRIEN

As we walked toward the end of the room, I saw that the ceiling was far above us, and that, directly ahead, the space behind the truck contained a high balcony. On the left side was a structure of some kind, rising from the floor to the balcony.

I peered at it curiously, for never before had I seen anything like it. It was a staircase spiraling upon itself, with many wooden steps and a railing. It seemed to hang there in space, for there were no beams holding it up (O'BRIEN, 2013, p. 346)¹⁰.

O padre revelara que aquele barraco de madeira – o antigo corpo de bombeiros da cidade – era, na verdade, era a escola da Capela de Loretto e aquela era a escada considerada miraculosa pelos antigos fieis da região. O padre também explicara a Neil que o governo destruíra tanto a escola quanto a capela quando este começara a perseguir a Igreja. Somente a escada persistira, uma vez que se tratava de um aparente milagre arquitetônico.

¹⁰ Enquanto caminhávamos em direção ao final do cômodo, vi que o teto estava muito acima de nós e que, bem à frente, o espaço atrás do caminhão continha uma alta varanda. No lado esquerdo havia uma estrutura de algum tipo subindo do chão à varanda. Olhei com curiosidade, pois nunca antes tinha visto algo assim. Era uma escada em espiral sobre si mesma com muitos degraus de madeira e um corrimão. parecia pairar lá no espaço, pois não havia vigas segurando-a (tradução livre feita pelo autor do artigo).



Figura 1 - Fotografia da Escadaria Espiralada de Loretto¹¹.

O padre contara, então, a história da escadaria miraculosa ao jovem Neil. Um grupo de freiras havia construído uma escola para as crianças pobres e um convento. No período em que a capela estava passando por reformas, as freiras começaram a mendigar materiais de construção e dinheiro, além de rezar a Deus continuamente pela conclusão da reforma na capela. Aos poucos, os vitrais começaram a chegar e, como a capela era muito pequena, as irmãs haviam pedido aos construtores que colocassem uma escadaria em direção ao sótão. Acontece, porém, que isto seria muito pouco prático, uma vez que tal escadaria tomaria muito espaço da capela, o que tornaria as celebrações litúrgicas pouco confortáveis. Sendo assim, as freiras começaram a rezar uma

¹¹ Disponível em: <https://www.lorettochapel.com/info/our-story>. Acesso em 02 de dezembro de 2020.

Novena a São José pedindo-lhe por uma resposta para este problema. No último dia da novena, veio-lhes um homem paupérrimo que possuía apenas um burrico, uma caixa de ferramentas e muita bondade em seu coração. Este perguntara-lhes se havia algo no que ele pudesse trabalhar. Então, as freiras pediram-lhe que construísse uma escadaria que fosse pequena o suficiente para que não ocupasse o parco espaço da capela, que fosse segura para que as crianças pudessem transitar por ela e que fosse durável. O homem trabalhou sozinho em todos os detalhes da escadaria e, em seis meses, esta encontrava-se estava pronta. No dia seguinte, as freiras iam efetuar a sua paga e perceberam que o homem havia ido embora.

O padre contara a Neil, então, a sua experiência com a escadaria:

Over the years, many engineers have come to look at this staircase, and they cannot understand why it does not collapse. There is no central support beam and according to their rules this staircase should collapse. But it stands. Sometimes I go up and down on it when I am alone here. I am never afraid. It is strong, and no one can explain its strength. Then and now, the best minds do not understand it. It is two perfect spirals of 360 degrees – a helix, they say. It has thirty-three steps. We cannot tell what kind of tree this wood came from; it is not like any wood in our region. There are no records of how such wood came to be here (O'BRIEN, 2013, p. 348)¹².

Não é de todo supérfluo mencionar que tal escada e tal capela existem na cidade de Santa Fe no estado do Novo México nos Estados Unidos da América. Apesar desta ter sido transformada em um museu com uma lojinha

¹² Ao longo dos anos, muitos engenheiros passaram a olhar para essa escada e não conseguem entender por que ela não desmorona. Não há viga de suporte central e, de acordo com suas regras, esta escada deveria desabar. Mas permanece de pé. Às vezes, subo e desço quando estou sozinho aqui. Eu nunca tenho medo. É forte e ninguém pode explicar sua força. Até hoje, as melhores mentes não a entendem. São duas espirais perfeitas de 360 graus – uma hélice, dizem. Tem trinta e três degraus. Não podemos dizer de que tipo de árvore veio essa madeira; não é como nenhuma madeira em nossa região. não há registros de como essa madeira veio parar aqui (tradução livre feita pelo autor deste artigo).

de artigos religiosos, muitos fiéis procuram ter o seu matrimônio realizado em tal templo. Além disso, diversos peregrinos dirigem-se à Capela para contemplar a Escada de São José¹³.

Neil, então, recusara-se a subir pela escada quando o padre lhe havia perguntado se desejaria fazê-lo. O caráter miraculoso da existência de tal escadaria funcionaria como uma forma de abertura à confiança na Providência de Deus. Com tal negação, Neil deixara entrever o seu crescente distanciamento da fé católica. Em um determinado momento, o padre e seu pai distanciaram-se conversando até que Neil notou que seu pai havia se confessado com o padre. Neil recebeu de seu pai a sugestão de fazer uma confissão. No entanto, o jovem e futuro físico também negara à possibilidade de confessar-se:

There was a word of meaning in that single utterance: I had left all that behind. I had forever departed from our hiding and fearing, our status at the very bottom of the world, our criminality. My father was a good man – too good. I did not want his religion with its enormous demands and its few rewards and endless failures. My religion was about justice in this world, and I would continue to express my single dogma by killing as many snakes as I could trap or stalk, and, if possible, the human snakes who had made my parents suffer (O'BRIEN, 2013, p. 349)¹⁴.

Neil conclui tal pensamento ao planejar a sua vingança em algum ponto do futuro quando ele teria se tornado um físico respeitado. A sua ambição envolveria, também, uma completa negação do seu passado repleto de

¹³ Cf. <https://www.lorettochapel.com/>. Acessado no dia 06/12/2020.

¹⁴ Havia uma palavra significativa naquela única frase: eu havia deixado tudo isso para trás. Eu havia partido para sempre de nosso esconderijo e temor, de nossa posição no fundo do mundo, de nossa criminalidade. Meu pai era um bom homem - bom demais. Eu não queria sua religião com suas enormes exigências, poucas recompensas e infundáveis fracassos. Minha religião era sobre justiça neste mundo, e eu continuaria a expressar meu único dogma matando quantas cobras eu pudesse apanhar ou perseguir e, se possível, as cobras humanas que fizeram meus pais sofrer (tradução livre feita pelo autor deste artigo).

penúrias e fugas constantes. Além disso, ele ressalta que o seu coração seria frio e duro como ferro, tão duro quanto aquela velha escadaria. Zombando do aspecto supostamente miraculoso dela, Neil afirma que ascenderia ao sucesso por meio de suas próprias forças. O padre, então, diz a Neil: "You will have a long road to travel, Neil. Life will take you to places that you cannot now know. But always, always, you must look up. [...] when it seems most important to you, a way will open before you" (O'BRIEN, 2013, p. 350)¹⁵.

Percebe-se, claramente, como as memórias do passado onde Neil rejeitara a fé católica que herdara de seus pais ainda ecoavam em seu momento presente, quando se encontrava flutuando pelo espaço a velocidades inimagináveis. É importante mencionar, outrossim, que Dariush havia-lhe convidado para rezar imediatamente depois daquelas monstruosidades encontradas no Templo da Nave. Em princípio, Neil havia recusado tal convite. Porém, no dia seguinte, reconsiderara o pedido do amigo.

Day 217:

This morning, I knocked on his [Dariush's] door, because I wanted to tell him that I had reconsidered his request and would try to pray, though a prayer of mine wouldn't be worth much. Did I believe in the soul, did I believe in a benevolent, overseeing God? I wasn't sure, even so, I believed that Dariush was my friend, and this was good enough for me (O'BRIEN, 2013, p. 320)¹⁶.

Viu-se, portanto, que foi nas *alturas* do espaço sideral – em uma nave extremamente sofisticada a rodear um exoplaneta – que Neil começara a abrir-se à transcendência. Além disso, apesar de suas dúvidas relacionadas à

¹⁵ "Terás um longo caminho a percorrer, Neil. A vida o levará a lugares que não podes conhecer agora. Mas sempre, sempre, deversas olhar para cima. [...] quando parecer mais importante para ti, um caminho se abrirá diante de ti" (tradução livre feita pelo autor deste artigo).

¹⁶ Esta manhã, bati na porta dele [de Dariush], porque queria dizer-lhe que havia reconsiderado seu pedido e tentaria orar, embora uma oração minha não valesse muito. Eu acreditava na alma, eu acreditava em um Deus benevolente e vigilante? Eu não tinha certeza, mesmo assim, acreditava que Dariush era meu amigo, e isso era bom o suficiente para mim (tradução livre feita pelo autor deste artigo).

existência de um princípio espiritual que anima o ser humano e à existência de um ser subsistente, pessoal e bondoso, Neil acreditava na amizade de Dariush.

Pode-se afirmar, desta forma, que esta lembrança da sua juventude deu-se por meio da junção da referência ao monstruoso ídolo para quem eram sacrificadas aquelas crianças e adolescentes no Templo da Nave e das constantes conversas com Dariush que lhe impeliu a pensar naquilo que dava sentido à vida de seus pais. Além disso, entende-se como aquela luminosa escadaria espiralada pode funcionar enquanto um símbolo que conecta aquilo que o padre lhe dissera há tanto tempo ao que lhe estava a acontecer agora. A importância daquela escadaria enquanto símbolo espiritual é reforçada quando se constata que ela é mencionada uma vez mais em um sonho fragmentado que Neil tivera:

I slept poorly that night and was in and out of consciousness, dragging bits of dreams with me. In one, I saw brown-skinned young people diving from a boat into a deep cool water. They were my children. The children I didn't have. Maybe the children I might have had. I can't remember details now, but the spiral staircase was there too. Another of those synapse blips, I suppose (O'BRIEN, 2013, p. 416)¹⁷.

Sendo assim, é de extrema importância a compreensão de como a escrita literária se utiliza largamente do poder dos símbolos para a construção de uma multiplicidade de significados na mente dos leitores. Quanto à profusão da linguagem simbólica na escrita literária, Frye, em seu importante livro intitulado *Anatomia da Crítica*, afirma que um símbolo seria "qualquer unidade de qualquer obra literária que possa ser isolada para a atenção crítica" (FRYE, 1973, p. 362) englobando, em linhas gerais, itens de menor escala como as descrições visuais, sentenças e vocábulos, uma vez que estes poderiam vir a

¹⁷ Dormi mal naquela noite e estava quase dormindo, arrastando pedaços de sonhos comigo. Em um deles, vi jovens de pele morena mergulhando de um barco em águas profundas e frias. Eles eram meus filhos. Os filhos que eu não tive. Talvez os filhos que eu poderia ter tido. Não me lembro dos detalhes agora, mas a escada em espiral também estava lá. Outra dessas sinapses, suponho (tradução livre feita pelo autor deste artigo).

ter a incumbência de manifestar e encarregar sentidos no âmbito da urdidura do texto artístico. O autor também afirma que, no instante em que a leitura ocorre, torna-se possível, ao foco do leitor, que este aponte para duas rotas distintas: uma que aponte para dentro e outra que aponte para fora:

Uma direção é exterior ou centrífuga, e nela ficamos indo para fora de nossa leitura, das palavras individuais para as coisas que significam, ou, na prática, para nossa lembrança da associação convencional entre elas. A outra direção é interna ou centrípeta, e nela tentamos determinar com as palavras o sentido da configuração verbal mais ampla que elas formam. Nos dois casos lidamos com símbolos, mas, quando ligamos um sentido exterior a uma palavra, temos, em adição ao símbolo verbal, a coisa representada ou simbolizada por ele (idem, p. 77).

Desta forma, o aparato simbólico existente na escrita literária poderia ser revelado através das conexões e rememorações por ele ocasionadas ou por meio do significado que um vocábulo exato possa significar. Para o teórico, este conjunto de símbolos que faz parte dos estudos literários, não teria unicamente por utilidade a atribuição de um sentido a um texto. Serviria, também, como parte de um contexto ao tornar possível a conexão, mesmo que oculta, entre sujeitos e coisas dentro da instância narrativa, além de fazer alusões a outros textos através de anamneses propícias à estimulação da memória daquele que lê. Pode portar mais de um significado distinto, uma vez que a sua decodificação estaria subordinada à ligação entre o símbolo enquanto tal e o significado e contexto específico.

Quando se pensa na rica simbologia da escada, faz-se necessário estudá-la dentro do contexto em que ela foi construída. Na trama de O'Brien, tal escada existe na realidade. No entanto, para fins relacionados à análise meramente literária, far-se-á um estudo baseado tanto na materialidade deste objeto quanto dos seus aspectos espirituais levando-se em conta a mística cristã.

Frye, em seu livro intitulado *Código dos Códigos: A Bíblia e a Literatura* (2004), mostra as diversas formas como as Sagradas Escrituras influenciaram e continuam a influenciar na escrita literária. O autor ressalta a importância das metáforas, analogias e alegorias enquanto recursos estilísticos derivados das Sagradas Escrituras. Desta forma, importa para este estudo a análise da escada e da árvore enquanto símbolos bíblicos que terminam por influenciar na criação de significado na escrita literária.

2 O SIMBOLISMO DA ESCADA

Para Chevalier e Gheerbrant (1993), a escada simboliza com perfeição a *ascensão* e a *valorização*, atributos que seriam pertencentes ao campo semântico e alegórico da palavra *verticalidade*. Tal *elevação* se daria de forma paulatina e indicaria também um meio de interlocução que possuiria uma duplicidade de significado quanto a categorias distintas. No que concerne a *valorização*, considera-se que o *aperfeiçoamento* é engendrado como uma *ascendência*: "toda elevação se descreve por uma curva que vai de baixo para cima" (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1993, 378). Esta verticalidade diria respeito, portanto, àquele traço que aponta para o âmbito do qualitativo e da superioridade no contexto ontológico. Portanto, no domínio das manifestações artísticas, a escada pode vir a simbolizar a ascensão de cunho espiritual. Enquanto emblema dos intercâmbios e das jornadas ocorridas entre o céu e a terra, a escada pode ser produzida com diversos materiais. Por conseguinte, cada uma destas escadas seria o sinal de alguma realidade imaterial. Quando a escada é de estrutura estritamente espiritual, passaria a simbolizar os estágios da excelência ascética e mística.

Ainda conforme os autores supracitados, pode-se salientar o entendimento geral de que a escada também seria um símbolo da união primeva entre o céu e a terra que teria sido posteriormente transgredida. Tal simbolismo, conforme Chevalier & Gheerbrant, seria o mesmo daquele de que a *Escada de Jacó*, por onde subiam e desciam os anjos conforme o texto bíblico, estava pleno:

"DEVES OLHAR PARA CIMA, POIS UM CAMINHO APARECERÁ DIANTE DE TI":
A PROPÓSITO DA ESCRITA, DA MEMÓRIA E DO SÍMBOLO NO ROMANCE
VOYAGE TO ALPHA CENTAURI DE MICHAEL DAVID O'BRIEN

Jacó deixou Bersabeia e partiu para Harã. Coincidiu de ele chegar a certo lugar e nele passar a noite, pois o sol havia-se posto. Tomou uma das pedras do lugar, colocou-a sob a cabeça e dormiu nesse lugar. Teve um sonho: Eis que uma escada se erguia sobre a terra e o seu topo atingia o céu, e anjos de Deus subiam e desciam por ela! (BÍBLIA, Gênesis, 28, 10-12).

Morgain (2003) lembra que a temática da escada tem a sua origem em outros textos bíblicos. Além da escancarada referência presente no Sonho de Jacó, o autor do verbete ESCADA no Dicionário de Mística menciona a escadaria tripartida da Arca de Noé, os seis degraus do trono do Rei Salomão e os degraus do templo de Ezequiel.

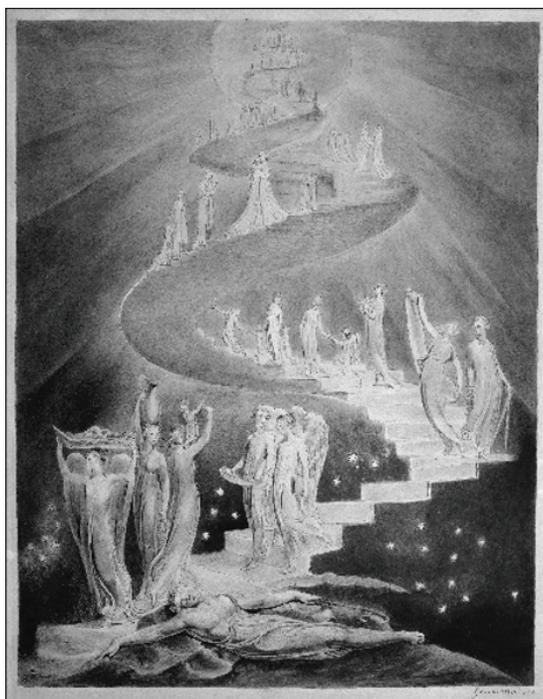


Figura 2 - Sonho de Jacó¹⁸

¹⁸ Disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/P_1949-1112-2. Acessado no dia 10/12/2020.

Ademais, a *Escada de Jacó* começou a ser vista pela Tradição Cristã como sendo uma prefiguração do Cristo e diversos comentários teológicos e místicos começaram a ser desenvolvidos tendo em consideração aquilo que o Cristo dissera a Natanael: “Em verdade, em verdade, vos digo: Vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem” (BÍBLIA, Evangelho segundo São João, 1, 51).

Diversos pensadores da Tradição Cristã vincularam à extensa simbologia pertencente ao vocábulo *escada* um método ascético-místico bastante elaborado. Morgain menciona o desenvolvimento elaborado por Orígenes (inspirado, conforme o teólogo, em Filon de Alexandria) no que concerne a distinção das três etapas da ascese mística e suas correspondências com as Sagradas Escrituras, a saber:

1. A purificação (em grego, kátharsis; em latim, purgatio), durante a qual a pessoa se purifica de seus pecados pela penitência e pela conversão, que remetem ao livro dos Provérbios; 2. A iluminação (em grego, photismós; em latim, illuminatio), a qual se refere ao progresso na virtude, e, depois da abertura para a graça, permite aproximação do termo e se refere ao Eclesiastes; 3. A união, a vida unitiva, a dos perfeitos (em grego, teleíosis; em latim, perfectio), que é a bem-aventurança plena do homem, a união com Deus, a qual corresponde ao Cântico dos cânticos. (MORGAIN, 2003, p. 363).

Este quadro esquemático, de acordo com Morgain, possibilitou o desenvolvimento de diversos métodos ascéticos-místicos. Faz-se necessário mencionar aqui São João Clímaco, um dos Padres da Igreja. O livro *Clímax ou A Escada do Céu* [sic] (1982) fora escrito primariamente para monges – anacoretas e cenobitas – no intuito de guiá-los ao mais alto grau da perfeição cristã. A escada espiritual de São João Clímaco possui trinta passos, referência aos trinta anos nos quais o Cristo viveu na obscuridade. Além disso, os principais ícones que ilustram este texto espiritual possuem

“DEVES OLHAR PARA CIMA, POIS UM CAMINHO APARECERÁ DIANTE DE TI”:
A PROPÓSITO DA ESCRITA, DA MEMÓRIA E DO SÍMBOLO NO ROMANCE
VOYAGE TO ALPHA CENTAURI DE MICHAEL DAVID O'BRIEN

uma admirável antiguidade e mostram com portentosa clareza aquilo que Clímaco escreveu.

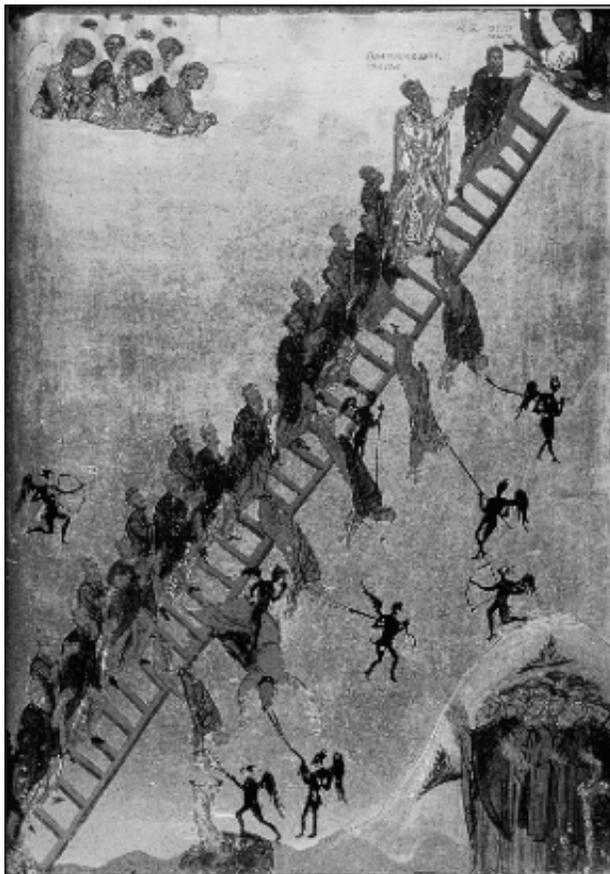


Figura 3 - A Escada do Paraíso¹⁹

Pode-se afirmar, portanto, que o texto de Clímaco – que aparenta funcionar como se fosse uma síntese das diversas interpretações da Escada de Jacó presentes na Patrística (em autores como Orígenes, João Cassiano, São Bento de Núrsia, São Gregório Magno, Santo Isidoro de Sevilha, entre outros) – serviu como base para que autores posteriores a ele (São Bernardo de Claraval, São Boaventura, Santo Tomás de Aquino, Ricardo de São Vítor,

¹⁹ Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/The_Ladder_of_Divine_Ascent. Acessado no dia 10/12/2020.

Ruysbroeck, entre outros) pudessem enriquecer ainda mais o repertório de interpretações de tão opulento símbolo: “seria a partir desse acervo rico e harmonioso que os autores da Idade Média iriam construir suas diversas interpretações da escada mística, a unir terra e céu, que a alma é convidada a ascender na medida de seu desejo, de seu conhecimento e de seu amor” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1993, p. 380).

3 O SIMBOLISMO DA ÁRVORE

Além disso, é importante lembrar que a escada que tanto marcou a memória afetiva e espiritual de Neil foi confeccionada inteiramente através da madeira de uma árvore desconhecida pelas freiras que a encomendaram. Conforme Chevalier e Gheerbrant (1993), a árvore representa um dos assuntos alegóricos mais copiosos e mais expandidos, uma vez que a pesquisa bibliográfica básica sobre tal tema possibilitaria a escrita de um livro. Sendo um dos principais emblemas da existência, que estaria em contínua transformação e em direção à abóbada celeste, a árvore conjuraria os atributos próprios à verticalidade. A árvore, além disso, tornaria possível o intercâmbio entre os três âmbitos cósmicos: 1. por meio das suas raízes, a árvore encontra-se em contacto com o nível subterrâneo e explora as entranhas onde estão fincadas; 2. Através de seus galhos inferiores e tronco, há um contato constante entre a árvore e extensão da superfície terrestre; 3. Mediante seus galhos superiores, a árvore aponta para a amplidão cerúlea do firmamento. A árvore, outrossim, agrega em si mesma todos os elementos: 1. a água contorna todo o seu interior por meio da seiva; 2. a terra é assimilada ao seu corpo por meio dos seus rizomas; 3. o ar provém às suas folhas os componentes principais para o fenômeno da fotossíntese; 4. o fogo, para além de estar presente na luz do Sol, dela desenvolve-se quando seus gravetos são postos em atrito um contra o outro.

Por causa de suas raízes que crescem cada vez mais fundo no chão e de seus galhos que se erguem para o céu, a árvore é reputada em todo o

planeta, de acordo com Chevalier e Gheerbrant (1993), como o emblema do intercâmbio que se institui entre o céu e a terra. Sendo assim, a árvore possui o significado de centro. Desta forma, o termo Árvore do Mundo apresenta-se como um sinônimo para Axis Mundi.

Nas Sagradas Escrituras, a presença do campo semântico relativo ao vocábulo árvore é bastante marcante. O verbete dedicado ao vocábulo árvore no *Vocabulaire de Théologie Biblique* (1970, p. 83), organizado por Xavier Léon-Dufour, apresenta uma síntese dos diversos significados da árvore ao longo das Sagradas Escrituras. A árvore pode vir a ser um emblema concreto da potência vital que o Criador verteu na natureza. Além disso, indica o sentido do renascimento, uma vez que pode tornar a brotar depois de ter sido decepada. Aponta, outrossim, para a presença da água e fornece alimentos para o ser humano. Por outro lado, é possível notar uma comparação entre o homem justo que recebe as bênçãos de Deus à árvore verdejante. Tal paralelo pode ser estendido ao Povo de Deus que o hagiógrafo compara ao bosque verdejante. No entanto, percebe-se que tal analogia fica mais intensa quando, no Novo Testamento, o homem é comparado à árvore: se é bom, é comparado à árvore que dá bons frutos. Se é mau, é comparado à árvore que dá maus frutos.

As principais árvores presentes nas Sagradas Escrituras são, também, emblemas importantíssimos para uma proposta de interpretação da simbologia da escada que tanto persegue Neil em seus sonhos. A *Árvore da Vida* do Jardim do Éden – a árvore da primeira aliança – que, conforme Chevalier & Gheerbrant (1993), simboliza o dom da imortalidade e manifesta a presença de Deus, é identificada em contraposição à *Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal*, cujo fruto é a culminação da desobediência a Deus praticada por Adão e Eva.



Figura 4 - Tapeçaria britânica representando a *Árvore da Vida*
rodeada por animais no Jardim do Éden²⁰

Outra árvore emblemática nas Sagradas Escrituras é a *Árvore do Reino de Deus* mencionada pelo Cristo na parábola do grão de mostarda: “A que é semelhante o Reino de Deus e a que hei de compará-lo? É semelhante a um grão de mostarda que um homem tomou e lançou em sua horta; ele cresce, torna-se árvore, e as aves do céu se abrigam em seus ramos” (BÍBLIA. Evangelho segundo São Lucas, 13, 18-19).

²⁰ Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/229006>. Acesso em 01 de dezembro de 2020.



Figura 5 – Ícone representando a parábola da semente de mostarda²¹

Por fim, a *Árvore da Cruz* é, conforme Lubac (apud CHEVALIER & GHEERBRANT, 1993, p. 86), a *Árvore da Nova Aliança*, posto que regenera – pelo merecimento do Cristo – a inteireza do emblema original da árvore enquanto *axis mundi* quando é erigida em um monte que termina por se tornar o ponto central do cosmos. A *Árvore-Cruz*, à qual foi atado o Cristo, é a árvore da regeneração do gênero humano. Além disso, Cristo, para Orígenes

²¹ Disponível em: <https://hcaoc.org/index.php/resources/sunday-articles/238-planting-the-seeds-for-the-kingdom-of-god>. Acesso em 01 de dezembro de 2020.

(apud CHEVALIER & GHEERBRANT, idem, p. 86), torna-se a árvore do mundo, o *axis mundi*, a escada por excelência através da reunião entre o humano e o divino que realiza em Si. Por fim,

É a cruz, instrumento de suplício e de redenção, que reúne em uma única imagem os dois significados extremos desse significado maior que é a Árvore: pela morte para a vida – per crucem ad lucem, pela cruz para a luz (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1993, p. 90, grifos do autor).



Figura 6 - Ícone bizantino do século XII representando o Cristo atado ao lenho da cruz²²

²² Disponível em: <https://ssvmusa.org/index.php/2020/08/06/the-transfiguration-and-consecrated-life/>. Acessado no dia 08/12/2020.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A luminosa escadaria espiralada que Neil vira na sua juventude e em diversos sonhos, conforme relatados no seu diário de bordo, condensa em si mesma a simbologia da ascensão a Deus de acordo com a cosmovisão apresentada nas Sagradas Escrituras. Tal simbologia também representaria a colaboração do necessário esforço humano por corresponder à sua vocação ontológica representada pelo vocábulo *ἄνθρωπος*, que significa, consoante Sócrates no *Crátilo* de Platão:

O nome Anthropos significa que, ao contrário dos outros animais que não examinam o que vêem, nem o analisam nem contemplam, o homem, ao mesmo tempo que vê – pois é isso, justamente, que quer dizer opôpe – contempla e analisa o que viu. Por isso, dentre todos os animais é o homem o único justamente denominado Anthropos, ou seja, anathrôn há ópôpe, o que contempla o que vê (Platão, Crátilo, 399c).

O padre e guardião da escadaria havia dito a Neil que olhasse sempre para cima, pois um caminho lhe surgiria quando algo de importante surgisse em sua vida. Conforme o próprio Neil dissera, a amizade de Dariush era uma das realidades mais importantes no contexto de uma longuíssima viagem interestelar.

Outra característica importante da luminosa escadaria espiralada se refere à quantidade de degraus que esta possui. De acordo com as memórias de Neil – e em sintonia com a real Escada de Loretto – a escadaria espiralada possui trinta e três degraus, que representa algo de suma importância em um romance escrito por um autor católico que se preocupa em transmitir os valores desta religião por meio da sua literatura. Trinta e três é a idade em que o Cristo foi crucificado. Desta forma, pode-se afirmar que esta escadaria miraculosa, santificada tanto pela sua origem sobrenatural quanto pela contínua oração das freiras, funciona como uma espécie de sacramental, que, conforme a Constituição Conciliar *Sacrossanctum Concilium*, são "sinais

sagrados que significam realidades, sobretudo de ordem espiritual, e se obtêm pela oração da Igreja” (SC, 60). Este sacramental teria tido o seu efeito espiritual – aproximar o jovem do sacramento da confissão – caso Neil tivesse utilizado dele. Outra característica que aproxima tal escadaria ainda mais do Cristo é o fato dela ter sido confeccionada com a madeira de uma árvore desconhecida na região. Como foi dito anteriormente, Orígenes afirmara que o Cristo se identifica à árvore que dá a vida ao mundo. Desta forma, pode-se concluir que a escadaria fora confeccionada, ao menos no nível do símbolo, com a madeira de Cristo. Desta forma, viu-se como o autor Michael D. O’Brien engendrou uma narrativa tendo como base o diário de bordo e o seu apelo à escrita, à memória e à ruminação com o intuito de mostrar como os símbolos são ferramentas poderosas no despertar da consciência para a realidade de Deus. Neil travara amizade com um linguista e arqueólogo que acabou por se revelar como um bispo católico que respeitava muito a sua liberdade de consciência. No entanto, as sucessivas lembranças e a notícia da existência de um ídolo pagão no exoplaneta reavivaram memórias que podem ser condensadas no símbolo representado pela luminosa escadaria espiralada de madeira. O físico racionalista tinha diante de si a possibilidade de direcionar os seus esforços para as coisas que exigissem uma crescente capacidade de contemplação, pois viu-se a simbologia da ascensão o perseguia continuamente.

Portanto, ficou claro que a utilização dos símbolos presentes nas Sagradas Escrituras é uma forma muito produtiva de se engendrar narrativas literárias, ainda que estas façam uso dos elementos especulativos da ficção científica. Espera-se, então, que este trabalho fomente pesquisas relacionadas à vasta obra literária de Michael D. O’Brien.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSMAN, Aleida. *Espaços da Recordação: Formas e Transformações da Memória Cultural*. São Paulo: Editora Unicamp, 2011.

BÍBLIA, A. T. *Gênesis*. In: *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA, N. T. *Evangelho Segundo São Lucas*. In: *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

CLIMACO, João. *Clímax ou Escada do Céu*. Trad. João Mendes de Almeida Jr. São Paulo: Typ. a vapor Espíndola Siqueira & C., 1902.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Sacrosanctum Concilium*. Constituição sobre a Liturgia da Igreja. 1963. In: VIER, Frederico (coord.). *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações*. 23. Ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

FRYE, Northrop. *Anatomia da Crítica*. São Paulo: Cultrix, 1973.

_____. *Código dos Códigos: A Bíblia e a Literatura*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

LÉON-DUFOUR, Xavier. *Vocabulaire de Théologie Biblique*. Paris: Les Éditions du Cerf, 1970.

MORGAIN, Stephane M. Escada. In: BORRIELO, Luigi (Org.). *Dicionário de Mística*. São Paulo: Paulus, 2003.

O'BRIEN, Michael D. *Voyage to Alpha Centauri: A Novel*. San Francisco: Ignatius Press, 2013.